

OLISIPO

NÚMERO DEDICADO A AMÁLIA RODRIGUES



BOLETIM DO GRUPO
“AMIGOS DE LISBOA”
II SÉRIE - N.º 13 - JULHO/DEZEMBRO 2000

CANTEIROS DE LISBOA: CONSTRUTORES DO CEMITÉRIO ROMÂNTICO

J. Francisco F. Queiroz

O século XIX foi o século das artes e da indústria. E é nos cemitérios portugueses que encontramos das melhores obras de artes aplicadas dessa época, não só em ferro ou em cerâmica, mas sobretudo em cantaria.

Os preconceitos da vária bibliografia que se refere à arte do século XIX levaram à grande ênfase dos arquitectos e engenheiros em detrimento dos construtores. E, no século XIX, existiram construtores de grande qualidade e capacidade, com formação em ornato e em técnicas artísticas aplicadas, que podiam realizar belos monumentos funerários sem a intervenção de qualquer arquitecto ou engenheiro. Estes últimos intervinham sobretudo nas obras mais eruditas, não necessariamente as mais virtuosas ao nível da qualidade da construção e do ornato.

Na sequência do nosso anterior artigo publicado no n.º 11 de "Olisipo" (*A influência dos cemitérios de Lisboa na arte funerária oitocentista em Portugal*), optamos por escrever mais este contributo precisamente porque os antigos canteiros de Lisboa continuam injustamente esquecidos na nossa História da Arte¹. Este, porém, terá de ser um breve contributo, face à quase inexistência de bibliografia sistematizada sobre o tema².

OS PRIMEIROS CONSTRUTORES DO CEMITÉRIO ROMÂNTICO

Para a época de construção dos primeiros monumentos nos cemitérios lis-

boetas é ainda difícil ter uma ideia bem definida de quais as oficinas especializadas neste tipo de trabalho em Lisboa, já que os monumentos dessa época não possuem epígrafes dos construtores. Por outro lado, não existem também projectos para a construção desses monumentos. Porém, sabemos que desde a década de 1840 existiam algumas oficinas em Lisboa que se dedicavam com cada vez maior regularidade à construção de túmulos.

Tomemos como primeiro exemplo o escultor Fidele Baldi, cuja oficina construiu alguns dos monumentos mais antigos no Cemitério dos Prazeres. Foi, aliás, o autor do monumento ao célebre jurisconsulto José Ferreira Borges, bem como de outros monumentos, dos mais antigos erigidos no Cemitério da Lapa, no Porto (fig. 1). A oficina Baldi continuou com a sua viúva e, de certo modo, com os Sales. O canteiro Francisco Sales, por exemplo, tem actividade referenciada em 1845³. Porém, foi Germano José de Sales quem mais se distinguiu na área das cantarias artísticas, à frente de uma oficina que iria sobreviver mesmo para lá da morte do próprio mestre, em 22 de Setembro de 1902.

Já na Exposição Universal de 1851, Germano Sales apresentou vários mármores nacionais, tendo sido premiado. Obteve também outros prémios em exposições internacionais posteriores. As principais oficinas e escritório da firma Sales situavam-se na Rua do Arsenal, 134 a 136. Porém, existiram também dependências na esquina da Travessa do



Fig. 1: Detalhe do monumento a José Ferreira Borges, cujo busto foi passado ao mármore por Fidele Baldi (Cemitério da Lapa, 1839)

Cotovelo, 1 a 7 e na Calçada do Ferragial, 1 a 5. Numa época mais tardia é também apontada outra oficina na Avenida 24 de Julho.

Sabemos que, em 1888, Germano José de Sales possuía lavras em Montes Claros, Borba, Sta. Cruz do Tojal, Arrábida, Cascais, Mem Martins e Pêro Pinheiro. Na década de 1890, o complexo oficial de lavra, serragem e aparelhamento de mármore passou a ser também dirigido em conjunto com os filhos de Germano Sales. São nesta época referenciados depósitos em Paço de Arcos e em Pêro Pinheiro.

A oficina Sales realizou grandes obras de cantaria em Portugal (como o monumento a D. Pedro IV, no Rossio), tendo

também produzido trabalhos de ornato para importantes túmulos dos cemitérios de Lisboa, nomeadamente para o fabuloso mausoléu Palmela. Podemos encontrar igualmente obras da oficina Sales nos cemitérios da Lapa, Santarém, Conchada (Coimbra), Ovar, Setúbal, Covilhã, Beja, Braga, Tavira, Castelo Branco, Fundão (do Conde de Idanha-a-Nova), e vários outros, para além de inúmeras obras nos cemitérios de Lisboa (fig. 2). Germano José de Sales foi tam-



Fig. 2: Detalhe de um anjo, que coroa o jazigo-capela n.º 414 do Alto de S. João, construído pela oficina Sales

bém fornecedor de pedra para outros canteiros nacionais sem acesso directo às pedreiras de mármore, sobretudo os do norte do país.

No início do século XX, as oficinas Sales passaram para a sociedade *A. Ribeiro & Silva*, a qual ainda chegou a construir monumentos funerários, embora nunca tivesse verdadeiramente florescido.

Mas o canteiro mais marcante na primeira fase da construção de monumentos funerários nos cemitérios de Lisboa foi António Moreira Rato (1818-1903), que veio a dar origem a uma verdadeira concentração empresarial familiar na área da pedra (fig. 3).

A sua oficina deverá ter iniciado a actividade por volta de 1840, na Rua do

Corpo Santo⁴. São posteriormente referenciadas oficinas suas no Pátio das Duas Campainhas e na Travessa da Assunção, 105, bem como um escritório na Rua Nova do Carvalho, 21 e 23. Na década de 1860 já teria a oficina na Avenida 24 de Julho, 298 a 304⁵, que se manteve nas décadas seguintes como a oficina principal, embora também nos surja a referência posterior a uma oficina sua na Rua do Crucifixo, 84. Em finais da década de 1870, António Moreira Rato dirigia já a oficina em conjunto com os seus filhos.

António Moreira Rato foi um dos mais activos canteiros de Lisboa e um dos maiores exploradores de pedreiras nos arredores da capital. Em 1888, dada a tão grande quantidade de objectos apresentados na Exposição das Indústrias Fabris desse ano, a oficina publicou mesmo um catálogo especial. Em 1889, a oficina de serragem de mármore empregava um motor de 8cv e 4 serras, de 25 lâminas cada uma. Serrava lioz, mármore de Sintra e, em alguns casos, também serrava mármore vindos de Itália.

A oficina de António Moreira Rato construiu (e reconstruiu) alguns dos mais importantes monumentos do Portugal romântico, quer em cemitérios, quer fora deles. Referenciem-se as obras do Palácio da Ajuda, do Palácio de Belém, a Estação de Santa Apolónia, o chafariz do Passeio Público de Beja (1884), as estátuas dos apóstolos no portal principal do Mosteiro da Batalha, entre muitos outros exemplos⁶. Em termos de cemitérios, encontramos obras desta oficina em Setúbal, em Leiria (capela dos Viscondes de S. Sebastião), em Beja (dos Viscondes da Boa Vista) e em muitos outros cemitérios, para além dos de Lisboa.

A oficina de António Moreira Rato participou com sucesso em várias exposições nacionais e internacionais. A notar as recompensas obtidas nas exposições de Paris dos anos de 1878 (medalha de bronze), 1879 (de prata) e 1900 (de ouro)⁷.

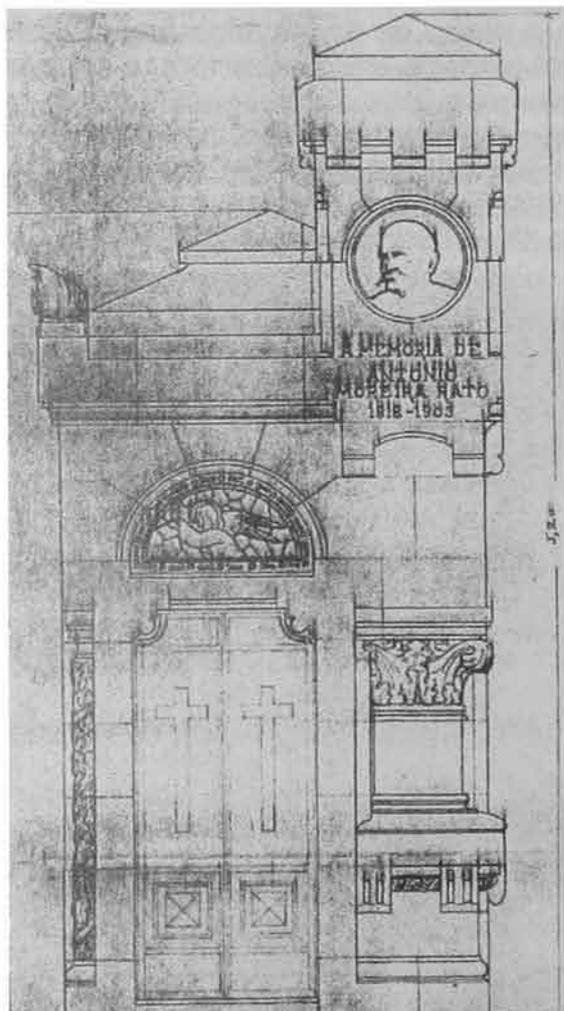


Fig. 3: Detalhe do projecto para o jazigo de família de António Moreira Rato (inícios do século XX).

A IDADE DE OURO DAS OFICINAS LISBOETAS DE CANTARIA

O panorama das oficinas de cantaria de mármore ampliou-se muito em finais da década de 1850, graças sobretudo à generalização da arte funerária e da necessidade de construção do cemitério romântico. É nesta época que surgem bastantes oficinas de relevo em Lisboa. Referenciemos as mais importantes.

Começemos pela oficina de Augusto Alves Loureiro, que já existia no início da década de 1850. Localizou-se na Rua do Trombeta, 4, embora na década de 1880 tenha ainda passado pela Calçada do Moinho de Vento, 37, antes de encerrar ainda nessa década. Augusto Alves Loureiro foi um canteiro hábil, que ganhou alguma fama na província por ter construído o pedestal do mausoléu do Conde das Antas (fig. 4). Encontramos monumentos construídos pela sua oficina nos vários cemitérios de Lisboa e ainda nos cemitérios de Setúbal, Lapa (capela do Barão de Santos), Santarém, Penafiel e outros.

Da mesma geração era o canteiro Manuel Luís Caetano, um dos mais capazes canteiros da sua época, autor de vários dos mais notáveis monumentos românticos erigidos nos Prazeres e no Alto de S. João. Teve oficina na Rua do Arco do Limoeiro, 32-34, no Largo do Caldas, 4, na Rua de S. João da Praça, 110-112 e no Largo de S. Martinho. A oficina continuou com administração da sua viúva e filhos, a partir de finais da década de 1870, no Largo de Sto. António à Sé, 19. Posteriormente desmembrou-se, tendo o seu filho António *Luiz Caetano* continuado a actividade por mais algum tempo. Da oficina Caetano encontramos monumentos nos cemitérios de Castelo Branco, Conchada, Viseu, Tomar, Faro, etc.

A oficina de Sérgio Augusto de Barros foi fundada em 1862 e tornou-se uma das mais activas de Lisboa. Manteve-se sempre no mesmo local, na Rua do Ferregial de Cima, 16 a 18^o. Na década de 1890 e até aos primeiros anos do século XX, a oficina passou à firma *Viúva de*



Fig. 4: Detalhe do excelente trabalho de cantaria no pedestal do mausoléu do Conde das Antas (Cemitério dos Prazeres, 1856)

Sérgio Augusto de Barros e, logo depois, à firma *Sérgio Augusto de Barros & C^a (Viúva)*. O Inquérito Industrial de 1890 refere esta última forma, indicando também uma oficina na Rua Direita de Paço de Arcos, em Oeiras. A sociedade possuía ainda duas oficinas de serragem de mármore. Uma em Góilão (Oeiras), com 4 serras de 25 lâminas cada e uma roda hidráulica e outra em Barcarena. Possuía também lavra de pedra em Figueirinha (Oeiras), funcionando 150 dias por ano, com 5 operários. São muitos os monumentos desta oficina em vários cemitérios nacionais: Castelo Branco, Beja (do Visconde da Corte), Faro ou Figueira da Foz, entre outros.

A oficina de Severiano João de Abreu foi fundada em 1855 e situou-se sempre na Calçada do Combro, 86 a 94 (aos Paulistas). Em 1888 nela trabalhavam 6 operários e 4 aprendizes. Apesar de não ter sido uma oficina muito grande, construiu imensos monumentos nos cemitérios de Lisboa (fig. 5). Encontramos também monumentos desta oficina nos cemitérios de Setúbal, Arcos de Valdevez, Lousã, Castelo Branco, Santarém, V. N. Famalicão (do Barão de Joane), Conchada, Viseu e outros. Severiano João de Abreu faleceu em 23 de Dezembro de 1893, tendo sido sepultado num interessante túmulo logo à entrada dos Prazeres, que ostenta os seus símbolos profissionais (jazigo n.º 1548).

Também nesta época estiveram em grande actividade as oficinas de Joaquim Antunes dos Santos (que abordaremos adiante), de Fortunato J. da Silva (na Rua Nova da Palma, 118) e de João J. Carlos.

Da mesma época serão também as oficinas de José Cesário de Sales e de José Moreira Rato, que seriam provavelmente anteriores canteiros das referenciadas oficinas de Germano José de Sales e de António Moreira Rato, respectivamente.

Conhecemos poucas obras da oficina de José Cesário de Sales em cemitérios nacionais. Contudo, a oficina de José



Fig. 5: detalhe de uma coroa fúnebre saída da oficina de Severiano J. de Abreu (Cemitério do Alto de S. João, 1876).

Moreira Rato construiu bastantes monumentos funerários em cemitérios de Lisboa, Santarém, Alcobaça, Setúbal, Beja, Tomar, Faro, Viseu, Figueira da Foz, Tavira, Olhão, etc. A oficina de José Moreira Rato situou-se na Travessa do Corpo Santo, 28 a 33 e também na Rua Nova do Carvalho, 1 a 5. Por volta de 1885 passou a ter uma outra oficina na Avenida 24 de Julho (fig. 6).

AS EPÍGRAFES E A ACTIVIDADE DAS OFICINAS NOS FINAIS DO SÉCULO XIX

Em geral, a epígrafe dos construtores era uma forma de publicidade. Esta só seria necessária numa altura em que, por um lado, começassem a surgir insistentemente encomendas e, por outro, começassem a surgir outras oficinas concorrentes. Assim se compreende que, numa primeira fase, estas epígrafes

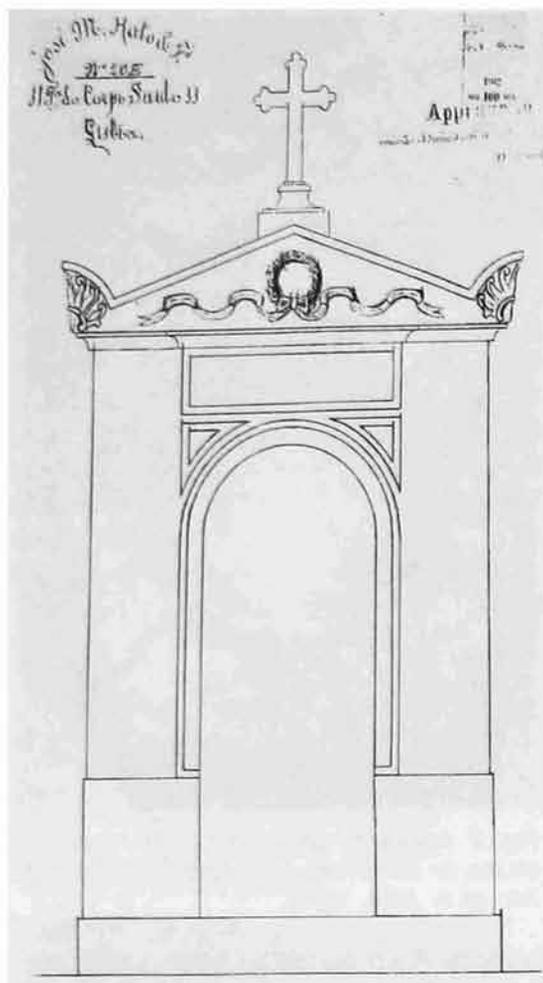


Fig. 6: Projecto da oficina de José Moreira Rato para um jazigo-capela estereotipado (Cemitério dos Prazeres, 1902).

fossem raras e bastante curtas. Muitas apenas continham um apelido ou uma morada. Nos cemitérios de Lisboa, alguns dos primeiros monumentos epigrafados referem apenas o local onde foram construídos: *feito na rua (...), n.º (...)*. A generalização das epígrafes deu-se precisamente na década de 1860. Nos cemitérios do Porto sucedeu uma situação semelhante, embora só os monumentos em mármore viessem geralmente a levar uma epígrafe do construtor.

A publicidade gerada pelas epígrafes deveria ser bastante eficaz. Encontramos, frequentemente, cemitérios de província em que um canteiro menos conhecido em Lisboa ou no Porto monopoliza grande parte das construções aí

erigidas. Este facto pode justificar-se apenas pela feliz circunstância de aí ter construído um primeiro monumento e os futuros interessados em construir monumentos semelhantes certamente iriam, em Lisboa ou no Porto, contactar o canteiro em causa. Assim se explica também porque, em certas zonas dos maiores cemitérios nacionais (especialmente nos Prazeres), existam ruas em que quase todos os monumentos construídos são repartidos por 3 ou 4 oficinas que podem nem ter construído nenhum outro monumento em todo o restante cemitério! Nestes cemitérios maiores, a actividade de construção e assentamento dos monumentos seria suficientemente frequente para que os titulares de terrenos recém adquiridos pudessem observar operários de uma determinada oficina a assentar um monumento mesmo ao lado do seu terreno para jazigo. Compreende-se que facilmente estas pessoas optassem por encomendar, também elas, os seus monumentos a estas oficinas.

Em finais do século XIX, as epígrafes começam a incluir bastante informação e surgem mesmo os primeiros grandes anúncios permanentes de oficinas de cantaria em jornais e almanaques. As oficinas de Lisboa que nesta época mais se destacaram foram, para além de algumas já referenciadas e ainda em actividade, as que passamos a descrever.

A oficina de Cristiano Augusto Teixeira da Silva, estabelecida desde, pelo menos, finais da década de 1870, situava-se na Travessa da Queimada, 36 a 48. Em 1895 possuía, além da oficina já referida, uma outra na Travessa de S. Pedro, 25. As oficinas Cristiano chegaram ao início do século XX, já em parceria com os filhos, tendo um deles (Alberto A. T. da Silva), continuado a actividade no mesmo local. Esta oficina construiu monumentos nos cemitérios de Santarém, Coimbra, Cucujães, Caldas da Rainha, Bragança, Tomar, Faro, Olhão, Lagos, Castelo Branco, Góis, e Portalegre, entre outros. Cristiano foi cer-

tamente um dos mais activos canteiros lisboetas.

Pedro Antunes dos Santos teve oficina a partir, pelo menos, da década de 1880, na Rua do Crucifixo, 69 e 71. Contudo, em 1890, a mesma oficina era dirigida já pela sua viúva. Para além de monumentos nos cemitérios de Lisboa, este canteiro conseguiu construir muitas obras no Cemitério de Portalegre. Mas existem monumentos da sua autoria em outros cemitérios, como o das Caldas da Rainha, por exemplo.

Outro canteiro bastante activo nesta época foi Marcolino Cesário Santos, com oficina na Rua do Cais de Santarém, n.º 26 e 28, a qual manteve-se a laborar ainda após a República. Construiu monumentos funerários para os cemitérios de Lisboa, Santarém, Góis, Setúbal, Beja e Nisa, entre outros.

Também se deve fazer particular referência à Associação dos Canteiros de Lisboa (ou Cooperativa dos Canteiros, fundada em 1887), bem como à oficina de mais um Moreira Rato: Manuel Moreira Rato. Este último é referenciado pelo menos desde 1880, na Rua de S. Paulo, 4 a 12, 1.º andar. A época áurea da oficina de Manuel Moreira Rato deverá ter sido entre as décadas de 1880 a 1890, embora se conheça uma obra da sua oficina que data de 1876, no Cemitério da Figueira da Foz. Manuel Moreira Rato também construiu monumentos para os cemitérios de Lisboa, Castelo Branco, Beja, Covilhã, Chaves, etc. Quanto à Cooperativa dos Canteiros, a sua oficina terá começado na Rua de S. Bento, passando depois à Rua Nova do Almada, 21. A partir do início do século XX situou-se na Rua Vítor Cordon, 8, com depósito na Rua 24 de Julho. A Cooperativa de Canteiros atingiu alguma qualidade de trabalho, tendo sido premiada com Medalha de Bronze na Exposição Universal de Paris, em 1900. Construiu monumentos para os cemitérios de Lisboa, Castelo Branco, Caminha, Fundão, Beja, Olhão, etc.

Por último, a referência a mais duas importantes oficinas de cantaria lisboetas, fortemente activas em finais do século XIX: a de José Joaquim Castelo e a de José Guilherme Correia & C.ª. Ambas colocaram monumentos funerários em vários cemitérios portugueses, de norte a sul (fig. 7). A oficina Correia foi, aliás, a construtora do gigantesco mausoléu dos Condes do Ameal (no Cemitério da Conchada – Coimbra).

A ORIGEM DOS MATERIAIS PÉTREOS

Apesar de ser hoje correntemente utilizado na nossa arte funerária, o mármore dito *de Estremoz* não teve uma entrada fácil nos circuitos de construção de arte funerária oitocentista. Foram outros os materiais pétreos do cemitério romântico português.

Para termos uma ideia mais clara sobre esta questão, devemos mencionar Pedro Bartolomeu Déjant. Este marmorista e ebanista francês, exilado em Portugal por via dos acontecimentos políticos de 1815, considerava-se pioneiro na introdução de uma verdadeira indústria dos mármore em Portugal. Segundo informações dadas pelo próprio à *Comissão Régia para a Exposição Universal de 1855*, quando Déjant chegou a Portugal, a indústria de mármore estava praticamente abandonada e só algumas pedreiras dos arredores de Lisboa eram exploradas. Dever-se-ia a Déjant o início da exploração dos mármore alentejanos e de outras regiões⁹. Em 1849, Déjant apresentou-se na Exposição da Indústria que se realizou em Lisboa, com *marmores e pedras lithographicas*¹⁰. Nessa época, tinha *Fabrica de Serração de pedra e deposito de Marmores do Reino, na Rua da Boa Vista n.º 4º G*¹¹. Segundo o próprio, em 1854, a sua oficina de serragem de madeira e mármore possuía cerca de 100 operários, um número muito importante para a época.

Porém, Pedro B. Déjant notabilizou-se sobretudo como marceneiro da Casa

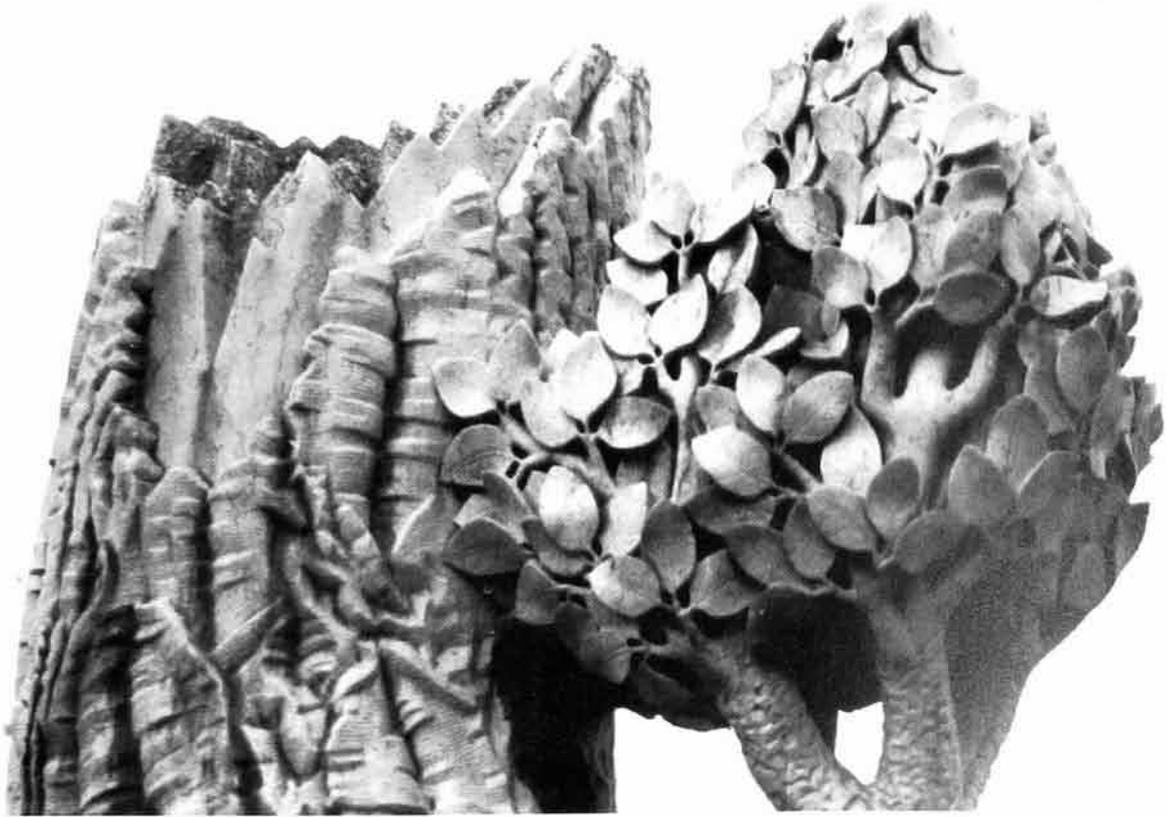


Fig. 7: Detalhe de um jazigo em forma de tronco de árvore, saído da oficina de José Joaquim Castelo (Alto de S. João).

Real. É, no entanto, provável que alguns dos primeiros monumentos dos cemitérios dos Prazeres ou do Alto de S. João tivessem levado mármore serrado na sua fábrica.

O mármore utilizado nos monumentos funerários portugueses do século XIX era normalmente nacional, à excepção do mármore italiano de Carrara. Segundo o depoimento de António Moreira Rato ao Inquérito Industrial de 1890, este mármore era preferido pelos canteiros por ser mais branco e agradável, sendo o preço final relativamente idêntico.

Porém, no Porto de finais do século XIX, só duas das principais oficinas de mármore da cidade trabalhavam regularmente com mármore italiano, que chegava a Portugal quase sempre já serrado. De facto, este era sobretudo utilizado para trabalhos de luxo ou de ornato mais complexo. As restantes ofici-

nas portuenses trabalhariam quase só o lioz, vindo da região de Lisboa. Quem tinha acesso preferencial a este tipo de mármore eram precisamente os canteiros da capital, quase todos detentores das suas próprias pedreiras.

No entanto, para além dos arredores de Lisboa (Montelavar, Pêro Pinheiro, etc.) algum do melhor mármore nacional era também proveniente do Alentejo. As oficinas locais de lavra e transformação de mármore proliferaram no eixo Estremoz/Borba/Vila Viçosa durante todo o século XIX. Porém, numa primeira fase, o mármore de Estremoz não era muito apreciado para monumentos funerários, tendo sido sobretudo utilizado no Alentejo como material pétreo mais acessível para todo o tipo de construções. Só em finais do século XIX este tipo de mármore começou a ser utilizado regularmente nos cemitérios de Lisboa e encarado como uma pedra mais nobre. Então,

uma grande parte do mármore alentejano passou a ser transportado em bruto para Lisboa, onde era cortado nas grandes oficinas de cantaria.

Assim se explica porque a maior parte das epígrafes de canteiros alentejanos em cemitérios locais sejam apenas do fim do século XIX. Muitas vezes, o mármore ia para Lisboa e voltava ao Alentejo para monumentos funerários com a marca de canteiros estabelecidos em Lisboa.

Um dos maiores responsáveis pelo êxito na aceitação de monumentos funerários em mármore de Estremoz foi o construtor e industrial da pedra André Domingos Gonçalves. A sua oficina em Lisboa existiu pelo menos desde meados da década de 1880, situando-se na Rua Saraiva de Carvalho. Porém, este homem terá primeiramente desenvolvido a sua actividade na área da pedra em Estremoz, só mais tarde montando uma filial em Lisboa. De facto, a ideia era boa: em Estremoz estava o melhor mármore e em Lisboa as melhores (e maiores) encomendas. Assim, manteve a sua lavra em Estremoz, na Cerca de Sto. António (curiosamente, junto ao Cemitério de Estremoz) e a oficina principal em Lisboa, junto ao Cemitério dos Prazeres – a principal fonte de todo o negócio. Curiosamente, a secção extractiva de Estremoz também teria oficina de cantarias, já que alguns dos seus monumentos referem na epígrafe apenas *Cerca de Sto. António em Estremoz*.

A estratégia fabril resultou: o Catálogo da Exposição Industrial e Fabril de Lisboa, de 1888, refere-o como o maior explorador dos mármore de Estremoz, os quais aplicava especialmente em monumentos funerários dos cemitérios da capital, fazendo até exportação de mármore para Espanha. Em 1889, a sua oficina da Rua Saraiva de Carvalho contava com 13 trabalhadores, 4 serras a vapor de 25 lâminas cada uma e uma locomóvel de 10cv. Este construtor teve também outras oficinas em Lisboa: na Rua de S. Francisco de Paula, 14 e na

Rua de S. Miguel a Sta. Isabel (ou de S. Miguel da Boa Morte), 22 a 48.

Em 1890, a sua pedreira de mármore em Estremoz empregava uma máquina fixa de 4cv e uma serra mecânica. Segundo o Inquérito Industrial de 1890, era o único industrial em todo o Distrito de Évora a possuir então um maquinismo a vapor aplicado à indústria extractiva! Compreende-se, pois, porque existam obras das suas oficinas um pouco por todo o país, sobretudo em cemitérios: desde Arcos de Valdevez ao Algarve, passando por Coimbra, Covilhã, Tomar, Santarém, Lisboa, Setúbal, Évora, Beja, Portalegre, Castelo de Vide, Nisa, etc. Aliás, em muitos cemitérios do Alentejo, André Domingos Gonçalves é claramente o canteiro mais representado.

André Domingos Gonçalves fez também bastantes obras não fúnebres em algumas regiões do Alentejo. Em Castelo de Vide, por exemplo, construiu algumas fontes. A sua actividade de canteiro e mesmo de construtor de obras públicas terá chegado aos finais do século XIX (pelo menos), e continuou com a gestão da sua viúva.

Curiosamente, as oficinas de cantaria do Porto, mesmo quando o mármore de Estremoz começou a conquistar Lisboa (em finais do século XIX) continuaram a preferir o líoz e o mármore de Carrara.

O INÍCIO DO DECLÍNIO

No século XIX, o pólo aglutinador das oficinas lisboetas de cantaria foi a zona ocidental da baixa pombalina subindo até ao Chiado e estendendo-se para poente em direcção ao Tejo. Este eixo prolongava-se ao longo do rio, até à Calçada do Marquês de Abrantes. Só a partir do fim desse século, as oficinas entretanto surgidas em Lisboa passaram a preferir instalar-se junto dos cemitérios (fenómeno que se deu também em outras cidades portuguesas, um pouco mais tardiamente). Este facto demonstra claramente como só nessa época a

construção de monumentos funerários em mármore passou a ser praticamente obrigatória para qualquer dorido com alguma capacidade económica. Precisamente por isso, o trabalho do mármore com fins fúnebres foi um negócio mais rentável (e mais certo) nessa época do que os trabalhos em cantaria para outros fins (alguns até já em desuso, como o mobiliário, onde a quantidade de pedra utilizada era menor e era-o sobretudo em peças acessórias). Desta forma, compreende-se também porque o número de oficinas de cantaria de mármore com obras em cemitérios cresceu enormemente nas últimas duas décadas do século XIX, atingindo o pico na viragem do século e decaindo após a primeira década do século XX. Um cada vez maior número de oficinas mais pequenas construíam obras com cada vez menor qualidade, procurando tornar a construção de monumentos funerários acessível a qualquer cidadão com um mínimo de posses. De tal forma essa necessidade foi criada nas pessoas e tal era a concorrência, que surgiram então as facilidades de pagamento e os empréstimos de monumentos, a colocar nos jazigos enquanto não eram feitos os definitivos.

O monumento funerário passou a ser cada vez mais banalizado e estandardizado, perdendo qualidade. Com o definhamento da concepção de cemitério romântico, no início do século XX, as oficinas lisboetas de mármore vão começando também a desaparecer ou a dedicar-se um pouco mais a outras actividades não cemiteriais. Este facto, porém, é bem mais evidente no Porto, onde a vocação cemiterial das oficinas era muito maior do que em Lisboa. De facto, as oficinas de Lisboa, normalmente grandes empresas familiares, como o caso das famílias Sales, Moreira Rato ou Sabido, eram essencialmente exploradores das pedreiras existentes nos arredores de Lisboa. A construção de monumentos para cemitérios era uma actividade importante, mas quase sem-

pre complementar. Estas oficinas fabricavam muitos outros materiais de construção: cal, grés, pedras para calçada, entre outros. E, mais importante do que isso, eram fornecedoras do lioz que as oficinas portuenses usavam. De facto, a serragem de blocos de mármore era uma actividade menos comum nas oficinas do Porto, porque não possuíam pedreiras próprias. Também por isso a dimensão das oficinas oitocentistas do Porto não pode ser comparada à das suas congéneres de Lisboa, especialmente durante os dois primeiros terços do século XIX. Em Lisboa, a procura esmagadora de monumentos funerários iniciou-se mais cedo e, além do mais, todos os monumentos foram desde logo construídos em mármore. Ao contrário, no Porto, os monumentos em mármore foram inicialmente excepções dos ilustres, apenas se vulgarizando muito mais tarde. O mercado potencial era, na Invicta, muito mais pequeno.

Podemos, pois, concluir que o trabalho do mármore no Porto foi sempre muito mais artesanal do que em Lisboa. As oficinas de Lisboa, por serem de maior dimensão, por possuírem as suas próprias lavras de mármore e se dedicarem a uma gama muito maior de produção, assemelhavam-se muito mais a oficinas industriais de cantaria. Só em finais do século XIX as oficinas portuenses começaram a assemelhar-se às de Lisboa, nestes aspectos, embora continuassem sempre a depender do mármore de outras regiões.

Por aqui se pode perceber porque os canteiros do Porto nunca conseguiram uma parcela de mercado, por mais pequena que fosse, na zona sul do país. As maiores oficinas de mármore nacionais situaram-se sempre em Lisboa. Estas tinham custos de produção muito mais baixos, que lhes permitiam colocar monumentos, em qualquer zona do centro e sul do país, a preços muito mais competitivos do que as oficinas do Porto. Mesmo em zonas do norte do país, as oficinas de Lisboa podiam concorrer de

igual para igual com as oficinas portuenses. O custo de transporte, maior para as oficinas de Lisboa, era compensado pelo menor custo do material.

Também se compreende porque algumas oficinas que, em Lisboa, eram das mais pequenas, conseguiram espalhar monumentos por vários cemitérios do país. O canteiro António Augusto Xavier, com oficina na Travessa do Abarracamento de Peniche, foi um exemplo, tendo realizado obras para cemitérios do Porto, Coimbra, Setúbal e Viseu.

Porém, o caso mais paradigmático é o do canteiro José Henriques dos Santos Torres, estabelecido em Lisboa desde finais do século XIX. Teve oficina na Rua Ferreira Borges, 90 a 115, na Rua 4 de Infantaria, 29 a 31 e na Rua dos Ferreiros à Estrela, 7 e 9. Apesar de ter sido um pequeno canteiro lisboeta (que construiu poucos monumentos nos cemitérios de Lisboa), conseguiu colocar monumentos seus nos locais mais distantes do país, como o Porto, as Caldas da Rainha, a Lousã ou Chaves.

ALGUNS CANTEIROS COM ORIGEM EM LISBOA MAS ESTABELECIDOS EM OUTROS LOCAIS

Ao contrário do que sucedeu no Porto e no norte do país em geral, o ofício de canteiro – na Lisboa do século XIX – era uma continuação lógica do tipo de trabalho efectuado nos séculos anteriores. Algumas famílias tinham já tradição na lavra de mármore e, nos arredores da capital, muitos eram os locais com boas pedreiras desse material, que era a matéria nobre por excelência dos cemitérios românticos europeus. O arranque da indústria de cantaria aplicada à arquitectura funerária foi, por isso, compreensivelmente mais fácil em Lisboa.

Na época das primeiras encomendas de monumentos para os outros cemitérios portugueses mais antigos (Lapa, Aveiro, Évora, e outros) não existiam, nestas cidades, canteiros especializados

em arte funerária, especialmente em mármore. Compreende-se, pois, que os mausoléus tivessem sido nobilitados com a utilização deste material, que no caso do norte do país, era até considerado um luxo. Construí-los em Lisboa foi, quase sempre, a solução.

No Porto, o mármore era um material estranho, dada a cumplicidade de séculos com o granito. Os primeiros monumentos funerários construídos nos mais antigos novos cemitérios do Porto (Lapa e Prado do Repouso) foram-no, quase todos, em granito. No entanto, a mentalidade romântica era atraída pelo mármore e este tornava-se cada vez mais essencial na construção de belos monumentos revivalistas. O Porto endinheirado procurava já este material insistentemente. Daí o facto de vários canteiros de Lisboa terem vindo para o Porto e montado oficina nesta cidade.

Estes canteiros não tinham uma formação académica. Porém, a circunstância de, no Porto, não ter existido tradição no trabalho do mármore até meados do século XIX, produziu um curioso fenómeno social: o artífice vindo de Lisboa (onde era um mero canteiro, equivalente ao *pedreiro* portuense), no Porto foi chamado *escultor*, porque trabalhava o mármore (como os escultores académicos). Esta situação só vai alterar-se em finais do século XIX, quando as oficinas de mármore proliferam no Porto e perdem muita qualidade. Aí começam a ser chamados *marmoristas*.

Porém, a migração de canteiros lisboetas para o Porto deu-se sobretudo numa primeira vaga de criação de oficinas portuenses. As mais tardias não foram mais fundadas por canteiros vindos de Lisboa à procura de um bom negócio, numa cidade que estranhava o mármore, mas que dele necessitava para materializar o ideal do cemitério romântico. Foram, isso sim, fundadas por antigos oficiais das oficinas já existentes.

Mas façamos um resumo biográfico de algumas oficinas portuenses – e não só – com origem em Lisboa.

OS AMATUCCI

Emídio Carlos de Sousa Amatucci (1811-1872) era filho do escultor Carlos Amatucci. Tendo nascido em Lisboa, Emídio Amatucci viveu aqui durante alguns anos, pois foi ajudante de escultura nas obras do Palácio da Ajuda, onde auxiliou o seu pai. A vinda de Emídio Amatucci para o Porto teve causas políticas, as quais não poderemos aqui aprofundar. Porém, ele acabaria por ser o primeiro grande canteiro de mármore estabelecido no Porto. Foi também litógrafo, juntamente com a sua irmã Rafaela, que a bibliografia especializada aponta como a única litógrafa portuguesa activa na primeira metade do século XIX.

Apesar de não ter sido um académico, o pioneirismo e virtuosismo de Emídio Amatucci granjearam-lhe fama suficiente para privar com os académicos portugueses, tendo chegado a expor peças de escultura lado a lado com estes. Emídio Amatucci foi o melhor e o mais importante canteiro/escultor com obras nos cemitérios portuenses. A sua influência nas gerações seguintes de canteiros estabelecidos no Porto foi muito forte. Deve-se, em grande parte, a este homem a especificidade que assumiu no Porto o trabalho do mármore aplicado aos cemitérios.

De todas as oficinas de cantaria que assinam obras nos cemitérios portuenses, a de Emídio Amatucci é a que utiliza uma linguagem mais clássica (fig. 8). A este facto não deve ser alheia a sua ascendência italiana, a sua colaboração nas obras do Palácio da Ajuda, bem como o facto de ser o mais antigo dos canteiros do Porto com obras em cemitérios. Daí que pertença a uma geração diferente da maior parte dos canteiros portuenses do século XIX, muito mais receptivos à moda do neogótico que caracterizou o gosto romântico portuense.

A oficina continuou com o filho José Carlos de Sousa Amatucci, já com menor virtuosismo e numa época em que a



Fig. 8: Pormenor da bela capela Barbosa, no Cemitério da Lapa, construída por Emídio Amatucci. A notar o classicismo e a alegoria da fé a coroar o frontão.

concorrência entre oficinas portuenses era muito maior. José Amatucci morreu em 1885, tendo a oficina encerrado as suas portas.

OS ALMEIDA DA COSTA

Um outro importante canteiro do Porto, talvez o mais importante logo a seguir a Emídio Amatucci, foi António Almeida da Costa. Ora, este nasceu no concelho de Cascais em 1832 e veio para o Porto ainda novo, tendo montado oficina própria em finais da década de 1850.

Mas refira-se que António Almeida da Costa foi apenas um de uma família de canteiros com origem nos arredores de Lisboa. José Almeida da Costa e Joaquim Almeida da Costa, seus parentes, foram também canteiros com oficinas próprias no Porto.

José Almeida da Costa, bastante activo na década de 1860, morreu precoce-

mente e a sua oficina passou a ser dirigida pela viúva, mas debaixo da supervisão técnica de Luiz Simões dos Prazeres. O seu apelido pode indiciar que as suas origens também estivessem na capital, facto que ainda não pudemos confirmar. Luís Simões dos Prazeres montou depois oficina própria no Porto.

Em relação a Joaquim Almeida da Costa, terá iniciado a sua actividade por conta própria na década de 1870. Mas logo depois estabeleceu-se em Braga, onde o novo cemitério estava a gerar uma enorme procura de monumentos fúnebres. Mais tarde, Joaquim Almeida da Costa voltou ao Porto, onde manteve sempre uma filial em funcionamento.

Voltando a António Almeida da Costa, refira-se que soube rodear-se dos melhores artistas. Durante cerca de 40 anos foi colaborador e amigo do estatuário José Joaquim Teixeira Lopes (pai). Ambos fundaram uma fábrica de cerâmica em Gaia – a das Devesas – a qual se tornou uma das melhores do país em finais do século XIX. Por esta fábrica passaram na sua juventude vários dos melhores escultores portugueses de finais do século XIX e início do século XX, nomeadamente o afilhado de António Almeida da Costa, o escultor António Teixeira Lopes.

António Almeida da Costa foi talvez o mais bem sucedido canteiro portuense com origem nos arredores de Lisboa: em finais do século XIX era detentor de um complexo fabril que produzia tudo o que um cemitério necessitava: monumentos, vasos de cerâmica, grades e portões (fig. 9). Não admira que tivesse morrido com uma fortuna considerável, tendo sido o fundador remoto da Misericórdia de Gaia.

OS IRMÃOS ANTUNES DOS SANTOS

Como já referimos, Joaquim Antunes dos Santos foi um dos mais activos canteiros lisboetas, sobretudo nas décadas de 1860 e 1870. A sua oficina principal situou-se na Rua do Corpo Santo, 28 a

30. Desta saíram vários monumentos para cemitérios de Lisboa.

Curiosamente, desde o início da década de 1860 Joaquim Antunes dos Santos possuía um depósito de mármore no Porto, na Rua de Sta. Catarina n.º 4, o qual era dirigido pelo seu irmão João Antunes dos Santos. Julgamos que este depósito terá sido criado como forma de alargar o mercado da oficina de Lisboa. Porém, não tardou muito para que João Antunes dos Santos se estabelecesse definitivamente no Porto e montasse a sua própria oficina.

As obras produzidas por João Antunes dos Santos apresentam, obviamente, claras influências das estéticas lisboetas, tendo a sua oficina perdurado até meados da década de 1880. Note-se que foi Joaquim Antunes dos Santos, em sociedade com o seu irmão João, quem construiu o pedestal do monumento a



Fig. 9: Detalhe do excelente trabalho de cantaria no pedestal do monumento a D. Pedro V (Praça da Batalha, Porto). Obra da oficina de António Almeida da Costa.

D. Pedro IV, na Praça da Liberdade (Porto). Joaquim Antunes dos Santos foi também industrial de pregaria, com fábrica na Avenida 24 de Julho.

JOAQUIM MARIA DA SILVA E FELISBERTO ALVES BAUT

Nascido nos arredores de Lisboa em 1847, Joaquim Maria da Silva foi um dos mais activos canteiros portuenses da viragem do século XIX para o século XX. A sua oficina própria terá sido fundada nesta cidade na década de 1880. Até essa altura, teve sociedade com o canteiro Felisberto Alves Baut, que também era natural dos arredores de Pêro Pinheiro. Anos depois, Felisberto Baut montou a sua própria oficina, a qual ainda hoje é dirigida por um descendente, sendo a mais antiga a funcionar no Porto¹².

AUGUSTO DESIRAT

Augusto Desirat nasceu em Lisboa por volta de 1859. Terá talvez aprendido a arte de canteiro numa das muitas oficinas da capital. O seu gosto, aliás, é muito influenciado pela arte funerária lisboeta.

Em 1891 estabeleceu-se em Portalegre, abrindo oficina no Largo Serpa Pinto. É provável que Desirat tivesse procurado escapar da forte concorrência entre oficinas existente então na capital. Ora, o seu empreendimento deu resultado muito porque o Cemitério de Portalegre possuía já um bom volume de construção de monumentos. Por outro lado, existiam muitos outros cemitérios nos arredores e, em geral, os habitantes locais procuravam os serviços dos canteiros da capital, já que naquela região não havia ninguém com essa especialidade.

Ao instalar-se em Portalegre, Desirat procurou desviar as encomendas de monumentos para Lisboa. Assim, fez publicar anúncios onde referia executar *todas*

as obras por preços mais diminutos aos de Lisboa. De facto, percorrendo o mármore do eixo Borba-Estremoz uma distância mais curta até à sua oficina, conseguiria competir no preço da matéria prima com os canteiros de Lisboa e os monumentos poderiam também ficar mais baratos a quem os pretendia.

É muito curioso o facto de Augusto Desirat referir que se responsabilizava *por qualquer trabalho em granito*, denotando uma intenção clara em adaptar-se à cidade e região onde acabava de se estabelecer (com abundantes pedreiras de granito). Duvidamos que este canteiro alguma vez tenha trabalhado em granito, enquanto esteve em Lisboa! Apesar de tudo, o granito era um material considerado menos nobre para a arte funerária e, se Desirat fez alguma obra em granito enquanto esteve em Portalegre, estamos quase certos de que não fez nenhuma para cemitérios.

Augusto Desirat faleceu em 10 de Janeiro de 1919, tendo a oficina continuado com um dos seus oficiais.

CONCLUSÃO

Há que reabilitar a memória destes artistas, até hoje quase anónimos, que construíram algumas das melhores obras em pedra do século XIX. Porém, fazer a história exaustiva de cada uma destas oficinas é uma tarefa demorada, em muitos casos já quase impossível sem a ajuda de descendentes, uma vez que tais oficinas terão já todas desaparecido. Por essa razão apelamos aos leitores de "Olisipo" que sejam descendentes de algum destes canteiros ou que possuam elementos úteis sobre este tema para contactarem o autor deste artigo através da morada Rua da Aldeia Nova, 138, Madalena, 4405-723 V. N. de Gaia.

Como instrumento de consulta, terminamos este já extenso artigo com uma relação breve de outros canteiros lisboetas que também construíram monumentos funerários nos cemitérios por-

tugueses (sobretudo lisboetas) em finais do século XIX e início do século XX¹³. A maior parte destas oficinas foram fundadas entre 1880 e 1900.

A. M. Oliveira
A. Moreira
A. Nuncio
Abílio V. C. Salreu
Angelo Simões Franco
António A. Nunes
António Florêncio Ramil
António Jacinto da Rocha
António José Condeixa
António José Moreira
António Madeira Castro
C. J. Silva
Caetano Nunes
Canteiro da Trindade
Carlos Veiga & Com.ta
D. Jaime Moreira
Ernesto Bragança
F. H. de Oliveira e C.^ª (Irmão)
Firmino Rodrigues
Francisco Duarte
Francisco José da Silva
Francisco José Rosa
Inácio Burnett
Inocência dos Santos
J. A. Gaspar
J. A. Reis
J. J. Moreira
J. L. Belo
J. N. Marques
J. P. Medeiros
João Anastácio
João de Sousa Ramos
João Francisco Nora
João Inácio Leal
Joaquim Alves Loureiro
Joaquim António Carnide
Joaquim Condeixa & C.^ª
Joaquim Inácio Leal
Joaquim José dos Santos
Joaquim Paulo
Joaquim Pedro Biscaia
Joaquim Vicente Alborgas
Jorge & Sousa
Jorge Alberto da Cruz
Jorge Burnett
José António de Almeida

José António dos Santos
José da Silva
José da Silva Bravo
José de Almeida Rodrigues
José Duarte
José Joaquim Rosa Silva
José Lopes Ribeiro
José Maria Caldeira
José Narciso Lino
Júlio Augusto César
Justino A. dos Santos
Lino J. dos Santos Rato
Lino José da Silva
Luís A. da Silva
M. Filipe
Machado & C.^ª
Manuel Fernandes Júnior
Manuel Filipe da Silva
Miguel Jerónimo Prazeres
Redondo & Cruz
Rufino José dos Santos
Silvestre da Silva Matos
Tomás dos Santos
Venceslau N. Fonseca

Notas:

¹ Para além de um exaustivo trabalho de arquivo e de campo (em mais de 250 cemitérios, de norte a sul do país), as principais fontes utilizadas para este artigo foram almanaques e obras de estatística industrial do século XIX. Estas fontes estão amplamente descritas na nossa dissertação de Mestrado em História da Arte: *O ferro na arte funerária do Porto oitocentista. O Cemitério da Irmandade de N.ª S.ª da Lapa, 1833-1900*. Esta tese, composta por três volumes policopiados, foi orientada pelo Prof. Doutor Agostinho Araújo e apresentada à Faculdade de Letras do Porto em 1997. Outra bibliografia com interesse para aprofundamento deste tema, toda da nossa autoria, é a seguinte: *O ensino das artes industriais no Porto do século XIX*. In "O Tripeiro", 7ª série, ano XVIII, n.º 5 (Maio de 1999, pp. 140-144) e n.º 6 (Junho de 1999, pp. 177-182); *O Cemitério da Conchada. Introdução ao seu estudo* (em co-autoria com Ana Margarida Portela). In "Munda", revista do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro, n.º 37, Maio de 1999, pp. 65-76; *Um virtuoso do mármore. Outras notas para uma biografia de António Almeida da Costa (1832-1915)*. In "Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia", 7ª vol., n.º 44, Dezembro de 1997, pp. 49-54; *A primeira oficina de cantaria de mármore no Porto. Notas para uma biografia de Emídio Carlos de Sousa Amatucci (1811-1872)*. In "O Tripeiro", 7ª série,

ano XVII, n.º 2, Fevereiro de 1998, pp. 51-55; *Os monumentos a José Ferreira Borges e D. Manuel de Santa Inês*. In "O Tripeiro", 7ª série, ano XVII, n.º 11, Novembro de 1998, pp. 338-344; *Especificidades da arte funerária oitocentista na região da Serra de S. Mamede. Os Cemitérios de Portalegre, Castelo de Vide e Nisa* (em co-autoria com Ana Margarida Portela). Porto, Fundação da Juventude, 2000; *Para a história da "Centenária Casa Felisberto": a mais antiga oficina de mármore do Porto em actividade*. In "Arqueologia Industrial", do Museu da Ciência e Indústria do Porto, 3ª série, vol. 2, n.º I-II, 1998, pp. 23-30.

² Excepção honrosa merece o trabalho: COSTA, Lucília Verdelho da – *Cantarias artísticas de Lisboa nos sécs. XIX e XX*. In "Colóquio Artes" n.º 101, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Abril/Junho de 1994.

³ SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Ser e estar perante a morte no Porto dos séculos XIX e XX: reflexos no património cemiterial*. Lisboa, 1994 (separata de "Lusitânia Sacra", 2ª série, n.º 6), p. 314.

⁴ COSTA, *Ob. cit.*, p. 44.

⁵ No início do século XX, a sede da oficina A. Moreira Rato & Filhos muda-se para a Avenida 24 de Julho, 54.

⁶ NETO, Maria João Baptista – *James Murphy e o restauro do Mosteiro de Santa Maria da Vitória no século XIX*. Lisboa, Estampa, 1997, p. 127.

⁷ COSTA, *Ob. cit.*, p. 44.

⁸ Note-se que a Rua do Ferragial de Cima passou a ser depois designada por Rua Vitor Cordon, ainda no século XIX.

⁹ *Relatório da Comissão Régia junto à Comissão Imperial da Exposição Universal de Paris em 1855*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1857, vol. I, p. 302 e vol. II, pp. 54-56.

¹⁰ Sociedade Promotora da Industria Nacional – *Exposição da Industria em 1849*. Lisboa, Typographia da Revista Universal, 1850, p. 88.

¹¹ IDEM – *Ibidem*, p. 136.

¹² Situa-se mesmo ao lado da Faculdade de Belas Artes do Porto.

¹³ Mais informações sobre estes canteiros, embora breves, poderão ser encontradas na nossa já citada dissertação de mestrado, vol. 3.

